

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Hervé Guibert e Roland Barthes: Os Fantasmas do Íntimo
2 e 7 de Outubro de 2023

LA PUDEUR OU L'IMPUDEUR / 1992

um filme de Hervé Guibert

Realização, Argumento, Imagem e Som: Hervé Guibert / Com: Hervé Guibert / Montagem: Maureen Mazurek / Produção: TF1 / Produtor: Pascale Breugnot / Duração: 57 minutos / Cópia: Ficheiro (suporte original em vídeo) legendado electronicamente em português / Primeira exibição pública: canal TF1, 30 de Janeiro de 1992 / Primeira exibição na Cinemateca: 21 de Setembro de 2018, numa sessão com Danny (Stashu Kybartas) no Ciclo O Vírus-Cinema: Cinema Queer e VIH/SIDA, programa organizado em colaboração com o Queer Lisboa 2018 / Primeira exibição em Portugal: "Cinema Positivo: A sida e as suas Imagens", Culturgest, 1995.

Sessão de dia 2 apresentada por Brian Dillon

*"Não há interdito na arte (mesmo se há uma moral). Existem obras fortes ou medíocres. Filmar a própria morte é uma experiência dura. O núcleo duro de uma verdade. A morte a trabalhar dentro no corpo, a provação do declínio, coloca a sinceridade em perigo total. Porque devemos contar com o pudor. Podemos dizer tudo. Deveríamos mostrar tudo, até a vergonha da degradação? O filme de Hervé Guibert é luminoso, gracioso e é isso que surpreende. Ele filmou a sua morte ou a sua representação dela? O escritor, que nada escondeu ao escrever sobre a evolução da sua doença, mergulhando no fundo das coisas e das pessoas, chegou aqui ao esboço. **La Pudeur ou L'Impudeur** não é um filme sobre a SIDA, é a visão de um homem jovem que está prestes a morrer sobre o mundo que o rodeia e que abandona. Um filme incandescente, um tempo calmo, como um retiro. Um espaço."*

Catherine Humblot, « Filmer, c'est toujours vivre », Le Monde, 2 février 1992

La Pudeur ou L'Impudeur é um daqueles filmes que nos perseguem durante muitos anos e que, quando o revemos, nos assegura que nada mudou, e que nos toca com a mesma intensidade da primeira vez. Para lá da inevitável força do confronto com a violência da realidade filmada (e narrada) na primeira pessoa, uma vez que Hervé Guibert (1955-1991) se auto-expõe de modo duríssimo, apresentando-nos um diário dos seus últimos meses de vida enquanto doente terminal de VIH/sida, acabando por morrer no decurso das filmagens, **La Pudeur ou L'Impudeur** é também uma obra extremamente despretensiosa e delicada. Coincidindo com o único filme realizado por um criador multifacetado – escritor, crítico de fotografia, mas também fotógrafo – é um trabalho verdadeiramente inspirado, inteiramente realizado com uma câmara de vídeo amadora manobrada pelo próprio Guibert, atravessado por grandes momentos de cinema.

Começando por fazer crítica de fotografia no jornal *Le Monde* em 1977, prática que aí desenvolveu até 1985 [grande parte de tais artigos estão publicados em *La Photo, inéluctablement* (1999)], Hervé Guibert destacou-se sobretudo pela sua obra escrita

marcada por uma forte componente autobiográfica, publicada a partir do início dos anos oitenta, em livros como *L'Image fantôme* (1981) ou *Les Aventures singulières* (1982). Mas é *À l'ami qui ne m'a pas sauvé la vie*, romance publicado em 1990 – em que revela a sua seropositividade ao mesmo tempo que, sob o modo da autoficção, conta a história da doença do seu amigo Muzil (Michel Foucault), como este descobriu que tinha sida, bem como a sua agonia e morte –, que o torna verdadeiramente conhecido. Uma obra que se revelaria como a primeira parte de uma trilogia autobiográfica dedicada à sida e à homossexualidade, que se prolongaria nos romances *Le Protocole compassionnel* (1991), *L'Homme au chapeau rouge* (1992, publicado postumamente), mas também em *Mon valet et moi* (1991), em que a doença é descrita com maior detalhe. **La Pudeur ou L'Impudeur** participa desta vertente romanesca auto-expositiva, mas tem a força de presença das imagens filmadas de um corpo em falência física progressiva. Apontado uma pequena câmara ao seu próprio corpo, um corpo extremamente emagrecido e submetido a violentos tratamentos médicos constantes, Guibert realiza um diário íntimo na mais comum acepção do termo, uma vez que regista os detalhes do seu quotidiano, correspondendo este a um quotidiano dominado pela doença, o que é raríssimo no cinema.

Em *Le Protocole compassionnel*, para lá de descrever o universo hospitalar, Guibert descreve também a sua última estadia na ilha de Elba. Sobre o livro escreveria “Tenho a impressão de que fiz uma obra bárbara e delicada”. O mesmo podemos dizer de um filme em que a par da descrição e registo em imagens dos tratamentos, e de várias visitas ao médico, acompanhamos essa última visita à ilha, momento cristalino do filme, em que Guibert viverá momentos de verdadeira felicidade. São imagens como estas que compõem as minhas primeiras recordações da força da obra de Guibert, um conjunto de fotografias registadas nessa mesma casa da ilha de Elba nos anos oitenta, que vi num livro de fotografia. Imagens fotográficas algo fantasmagóricas, próximas dos autorretratos de Francesca Woodman (1958-1981), que anteciparam o confronto com a primeira projecção de **La Pudeur ou L'Impudeur** em Portugal, logo em 1995, no Ciclo “Cinema Positivo: A sida e as suas Imagens”, programado por Augusto Seabra na Culturgest, exibido ao lado de outro dos mais impressionantes filmes relacionados com auto-exposição e a morte devido à sida no Cinema: **Silverlake Life: the View from Here**, de Tom Joslin e Peter Friedman (1993).

Guibert realizou **La Pudeur ou L'Impudeur** com o apoio do produtor Pascale Breugnot, ficando o filme concluído apenas algumas semanas antes de morrer, o que aconteceria em Dezembro de 1991. O filme tem um título que de algum modo prefigura não só o tratamento e o modo como era encarada a sida, como antecipa a intensa polémica que se seguiu à sua exibição a 30 de Janeiro de 1992 no canal francês TF1 pouco tempo depois da morte de Guibert. Assim perceberemos como livros e filme desempenharam um papel fundamental no modo como a sida passou a ser vista pelos franceses, e pensamos como foi possível um canal de televisão apoiar uma experiência tão limite.

Joana Ascensão

Texto originalmente escrito para a primeira projecção de **La Pudeur ou L'Impudeur**, mostrado na Cinemateca em 2018, em conjunto com com **Danny** (Stashu Kybartas, 1987) e revisto para esta exibição.